

## Iridologia em Medicina Veterinária. Estudos Iridológicos no Gato Doméstico (*Felis catus*).

Iridology in Veterinary Medicine: Iridological Studies in a Domestic Cat (*Felis catus*).

**Carolina da Silva Neves<sup>1</sup>, Gabriela Almeida da Cruz<sup>1</sup>, Luis Fernando Fiori Castilho<sup>2</sup>**

1 Alunas do Curso de Medicina Veterinária

2 Professor Doutor do Curso de Medicina Veterinária

### Resumo

Os olhos sempre foram objeto de fascínio pela humanidade. Registros sobre sinais encontrados na íris em pessoas e suas correlações com o surgimento de doenças são muito antigos, mas coube a Ignatez Von Peczeley, na Hungria, o mérito de codificá-los e criar dessa forma a iridologia. Na medicina veterinária esse recurso diagnóstico é ainda muito pouco usado. O presente trabalho foi realizado para aprimorar o Mapa Iridológico Veterinário no gato doméstico (*Felis catus*) com o uso de um software desenvolvido para a iridologia humana. Foram avaliados métodos de contenção, tomadas de fotografia e a correspondência dos pontos registrados pelo software e um mapa iridológico clássico proposto por Batello e Costa(2019). Os resultados encontrados permitiram estabelecer a correspondência entre os plotes do software e o mapa iridológico de Battelo, o que sugere que o software possa ser empregado na rotina de iridodiagnose felina.

**Palavras-Chave:** Iridologia; Medicina Veterinária; Gato Doméstico; Medicina Felina.

### Abstract

The eyes have always been an object of fascination for humanity. Records about signs found in the iris in people and their correlation with the appearance of diseases are very old, but Ignatez Von Peczeley, in Hungary, had the merit of codifying them and thus creating iridology. In veterinary medicine, this diagnostic resource is still very little used. The present work was carried out to improve the Veterinary Iridological Map in the domestic cat (*Felis catus*) using a software developed for human iridologia. Contention methods, photographing and the correspondence of the points registered by the software and a classic iridological map proposed by Batello and Costa (2019) were evaluated. The results found allowed establishing correspondence between the software plots and Battelo's iridological map, which suggests that the software can be used in the routine of feline iridodiagnosis.

**Key words:** Iridology; Veterinary Medicine; Domestic Cat; Feline Medicine.

**Contato:** carolina.silva@souicesp.com.br; gabriela.cruz@souicesp.com.br; luis.fiori@icesp.edu.br.

### Introdução

Desde os primórdios da humanidade os olhos são objeto de fascínio pelo homem. Existem inúmeros achados arqueológicos comprovando que caldeus e babilônios deixaram registros em pedras sobre a íris e suas relações com o restante do corpo. Phillipus Meyenes (1670) em sua obra “Chiromatic Médica”, faz menções a sinais observados na íris, fornecendo elementos de associação dos sinais a órgãos e sistemas corporais (BATELLO; COSTA, 2019).

Coube, entretanto, a Ignatez Von Peczeley, na Hungria, o mérito de codificar a Iridologia (BATELLO, 2009).

Ainda menino, Peczeley fraturou acidentalmente uma das patas de uma coruja e verificou o aparecimento de uma marca na íris lateral ao membro lesionado. Na medida em que a fratura se encaminhava para a resolução, as características dos sinais variavam. Posteriormente, como médico, Peczeley observa em seus pacientes lesões na íris e procura associá-las ao diagnóstico clínico, estabelecendo um mapa iridológico com as representações topográficas dos órgãos (BATELLO; COSTA, 2019).

A Iridologia é uma ciência que permite ao Iridologista analisar integralmente o indivíduo por intermédio da observação da íris. Por meio dela é possível conhecer, em um dado momento, a

constituição geral ou parcial da pessoa ou do animal, bem como os estágios evolutivos – agudo, subagudo, crônico e degenerativo – das alterações que acometem um ou mais órgãos, sejam estas alterações de ordem hereditária ou adquiridas, e também, prever o que está por vir, sendo, portanto, também, um método diagnóstico preventivo (VASCONCELOS, 2013).

Segundo Vasconcelos (2013) por meio da Iridologia é possível reconhecer os estados fisiológicos ou patológicos de diversos tecidos que compõem o organismo. Alterações nos órgãos podem ser identificadas, assim como o estágio evolutivo dessas lesões. Por tal, ela pode ser utilizada como técnica auxiliar para facilitar a elaboração de um diagnóstico mais preciso e completo.

Conforme Costa (2007), o princípio da Iridologia, apoia-se na comunicação intercelular e neurológica com os olhos, o cérebro e outras partes do organismo, que pode ser observada através da íris. É essa comunicação, segundo o autor, a qual permite observações de alterações nas mais variadas estruturas por meio da íris. Ele afirma, ainda, que estruturas orgânicas, por apresentarem correspondência na íris, permitem a elaboração de mapas iridológicos com a localização das estruturas nela. O autor descreve que, com base nesses mapas, a análise iridológica pode ser realizada.

Para Batello e Dias (2020) o mapa iridológico consiste no desenho esquemático da íris, dividido em partes ou quadrantes, em que cada parte ou quadrante representa um órgão do corpo. O iridologista vale-se de aspectos e sinais na íris como cor, padrão, textura, anéis, estrias e fendas, associando-os às posições no mapa iridológico e à sintomatologia clínica, formulando finalmente o irisdiagnóstico.

Para Vasconcelos (2013) os estudos científicos publicados sobre a Iridologia são numericamente poucos e seus resultados apontam divergências na eficácia dessa técnica como auxílio diagnóstico. Alguns autores concluíram que a iridologia é ineficaz como auxílio diagnóstico das enfermidades estudadas; em contrapartida, observaram que em todos os pacientes com diabetes mellitus estudados a presença de um sinal iridológico específico (Cruz de Andréas) para esta enfermidade. Assim reconhecem o potencial da iridologia, mas veem a necessidade de estudos mais detalhados acerca do tema.

Na Medicina Veterinária, Carvajal (1987), por meio dos relatos de quatro casos clínicos caninos, descrevendo detalhadamente os sinais iridológicos observados demonstrou a correlação entre o organismo e a íris mediante a comparação desses sinais com os exames complementares realizados. A semiótica

tradicional utilizada nos primórdios da Iridologia – exame da íris com o paciente sentado e com os olhos mantidos abertos por um relativo período de tempo, causando desconforto – foi recentemente substituída por dois recursos tecnológicos: a fotografia digital e sua interpretação por meio de softwares especialmente desenvolvidos. O exame tornou-se muito mais confortável e proporcionou uma observação mais precisa da íris com inúmeros recursos gráficos. Em linhas gerais, os softwares incorporam imagens obtidas com lentes (VASCONCELOS, 2013).

No Brasil, os pesquisadores Celso Batello e Cláudia Costa foram pioneiros na área de irisdiagnose veterinária, os quais propuseram um mapa iridológico veterinário em sua obra intitulada Iridologia Veterinária Vertebrados. Professores universitários com formação médica (Batello) e médica-veterinária (Costa) e suas longas experiências em ciências holísticas, propuseram sua obra um dos primeiros mapas iridológicos aplicados à medicina veterinária (BATELLO; COSTA, 2019).

O mercado de trabalho para veterinários e auxiliares especialistas em felinos vem aumentando substancialmente no Distrito Federal. Nos últimos anos, os gatos domésticos (*Felis silvestres catus*) vêm conquistando o coração dos brasileiros; Ademais, a população de gatos em lares domésticos no país subiu de 25,6 milhões em 2020, para 27,1 milhões de indivíduos em 2021. Também há uma estimativa de provável crescimento médio anual de 2,5% entre os felinos, indicando que mais pessoas buscam por gatos quando optam pela adoção de animais de estimação (SOLLITTO, 2022).

De acordo com Sollitto (2022), no Brasil, os felinos representam 65% da preferência de tutores durante as adoções em comparação aos cães que representam 35%.

Segundo Abinpet (2022), alguns fatores motivam a preferência por felinos como o estilo de vida moderno, uma vez que tutores passam a maior parte do dia fora de casa; a verticalização das cidades e residências mais compactas; o comportamento e a personalidade dócil e afetuosa dos felinos; bem como a independência, pois podem passar a maior parte do dia sozinhos.

Atualmente a medicina felina vem ganhando mais espaço no âmbito da medicina veterinária e consolidando-se como especialidade. O felino, por possuir particularidades fisiológicas e comportamentais, é uma espécie diferenciada, necessitando de atendimentos e tratamentos individualizados. Para uma análise clínica e um diagnóstico bem-sucedidos, por exemplo, não se devem focar somente nos sinais clínicos ou na patologia em questão, pois o felino pode desencadear sinais sistêmicos diversos e clínicos

sutis, sendo por vezes os mesmos sinais para causas distintas (BOTELHO, 2020).

De acordo com Botelho (2020), uma abordagem fundamentada em conceitos cat friendly, que visa ao bem-estar na conduta médica e capacitação da equipe voltada à espécie, pode garantir um atendimento eficiente e consequente sucesso no tratamento. Alguns fatores em uma consulta são capazes de estressar os felinos, como o transporte; as coletas e as contenções, que podem impactar e traumatizar, causando estresse agudo. É fundamental que os médicos veterinários saibam o impacto do estresse nos felinos, como também, diagnosticar comorbidades de cunho psiquiátrico por somatização de processos traumáticos. A título de exemplo, a Síndrome de Pandora é uma condição que extrapola o diagnóstico de uma cistite intersticial apenas, abarcando um conjunto de eventos psiconeuroimunoendócrinos associados a comorbidades que se desenvolvem nos felinos. Tal condição, requer como controle o tratamento do contexto de vida e ambiente do paciente, além das questões relacionadas ao uso adequado de fármacos.

Esse mercado exige, como esperado, uma medicina veterinária sofisticada, na qual se deve proporcionar bem-estar aos felinos, cujos custos são, geralmente, elevados face aos exames complementares necessários na elaboração de diagnósticos mais precisos (BICALHO; CARNEIRO; CORRÉA, 2016).

A Iridologia é uma técnica não invasiva, de baixo custo e que pode fornecer subsídios diagnósticos valiosos (BATELLO; COSTA, 2019) para os clínicos especialistas em medicina felina, tornando a assistência veterinária mais acessível e fomentando, dessa forma, a criação de felinos.

Diante das particularidades da espécie *Felis silvestres catus*, há a necessidade de inovações nos atendimentos, com mais agilidade e bem-estar. Assim, o presente trabalho visa comparar os mapas iridológicos veterinários existentes com as análises feitas pelo Software IrisMake desenvolvido para iridiagnose, dando continuidade aos estudos de Batello e Costa, especificamente na clínica de felinos.

## **Materiais e Métodos**

Para realização do trabalho foram utilizadas imagens disponibilizadas por tutores de felinos, entre março a maio de 2023, que assinaram o Termo de Consentimento padronizado pelo Centro Universitário ICESP-DF.

Foram retiradas 90 fotografias dos olhos de felinos, para analisar no Software IrisMake e delinear locais para associar com os mapas

iridológicos veterinários.

Inicialmente foi registrada uma anamnese e realizado um exame clínico geral no animal antes de ele ser fotografado.

Os materiais utilizados na realização das fotografias foram a Câmera Canon SL3, Lente Canon 50mm, Lente Canon Macro 100mm f/2.8L usm, Lente Canon EF 100mm F/2.8L IS USM, Software IrisMake 2023, Notebook Samsung Galaxy Book S e impressora.

O Software IrisMake é a ferramenta de análise de íris mais avançada que existe. Possui uma amplitude de avaliações que possibilitam ao profissional o suporte necessário para desempenhar uma consulta de qualidade. Outras avaliações possíveis com o Software são: Avaliação da constituição irídea; Avaliação do grau de vitalidade; Método Rayd; Avaliação da Orla Pupilar Interna; Avaliação do Eneagrama; Iridologia e o Amor; Avaliação Reflexologia Traumática; Avaliação através do IrisWay; Avaliação Espaço e Risco; Avaliação através da Roda da Abundância.

O trabalho foi dividido em quatro etapas, a saber:

### **Aprimoramento da técnica de coleta de imagem da íris**

Nesta etapa foram testadas: a contenção do animal, as tomadas fotográficas: frontal (os dois olhos fotografados de uma só vez) e individual (cada olho fotografado separadamente) e a lente mais apropriada para a obtenção da imagem.

### **Adaptação das imagens coletadas ao software**

Esse processo foi realizado nas dependências do Centro Universitário ICESP na área de Veterinária. Para tal, foram usados o computador, no qual o software IrisMake estava instalado e um programa de edição de imagens (Fotos, Microsoft), em que as fotografias eram editadas antes de serem analisadas pelo software.

As imagens obtidas na fase anterior eram analisadas no software IrisMake levando-se em consideração as seguintes variáveis: nitidez da imagem, tipos de sinais identificados, localização dos sinais.

### **Aprimoramento do Mapa Iridológico**

Com a técnica de fotografia ajustada e as imagens devidamente adaptadas ao software, iniciou-se o aprimoramento do mapa iridológico do software comparando os sinais encontrados na íris ao posicionamento no Mapa iridológico Veterinário proposto por Batello e Costa (2019), conforme, Figura 1.

O protocolo de interpretação iridológica adotado foi: identificação do animal, anamnese e diagnóstico clínico, ajuste das imagens ao software, mapeamento dos sinais, associação da localização dos sinais e suas interpretações à localização indicada pelo software, interpretação do posicionamento e identificação dos sinais.

### Análise das imagens e confecção do Mapa Iridológico

Com a foto instalada no software e o Mapa Iridológico Veterinário (Figura 1), iniciou-se a análise comparativa entre os plotes indicados pelo software e o Mapa.

### Resultados

A figura n. 1, representa o Mapa Iridológico Veterinário proposto por Batello e Costa (2019), que serviu de base para a comparação dos plotes registrados pelo Software.

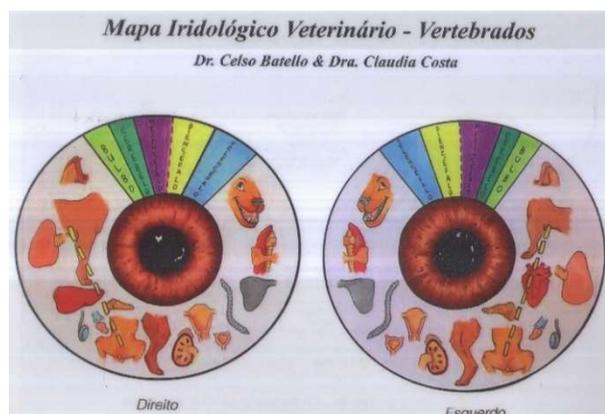


Figura 1: Mapa Iridológico Veterinário proposto por Batello e Costa (2019).

### Tomada da fotografia

Após várias experimentações com todos os equipamentos disponíveis e nas tomadas previstas, os melhores resultados obtidos foram:

- Contenção: com o animal contido apenas no colo do tutor;
- A tomada frontal (os dois olhos simultaneamente) mostrou-se muito eficaz e pouco estressante para o animal (Figura1);
- Lente Canon n. 50.



Figura 2: Tomada frontal com boa resolução. Fonte: arquivo pessoal.

### Adaptação das imagens coletadas ao software

Antes de enviar a imagem para o software, esta foi editada com o programa Foto. uma vez que cada íris é interpretada separadamente.

Na Figura 3 observa-se a imagem já adaptada no software e pronta para ser analisada.

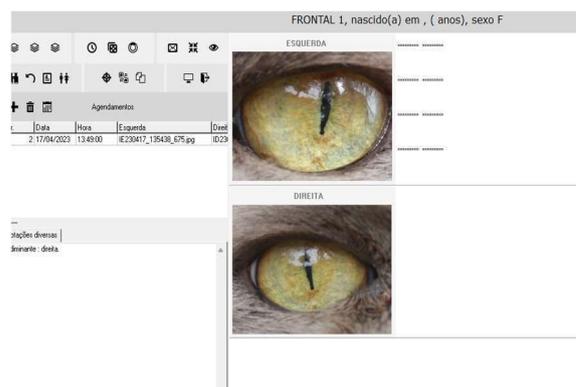


Figura 3: Imagens já adaptadas no software. Fonte: arquivo pessoal.

A Figura n. 4 mostra a avaliação da Constituição Irídea.



Figura 4: Avaliação da Constituição Irídea do *Felis catus*. Fonte: arquivo pessoal.

A Figura n. 5, representa o Mapa Iridológico do sistema cardiorrespiratório apontado pelo software, qual coincidiu significativamente com o Mapa iridológico Veterinário de Battelo e Costa (2019).

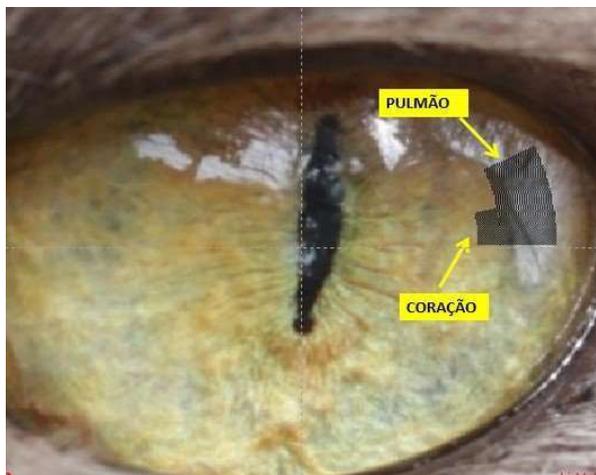


Figura 5: Mapa Iridológico dos Sistemas Respiratório e Circulatório do *Felis catus*, apontado pelo Software. Fonte:arquivo pessoal.

A Figura n. 6, representa o Mapa Iridológico do sistema respiratório apontado pelo software e que coincidiu significativamente com o Mapa iridológico Veterinário de Battelo e Costa (2019).

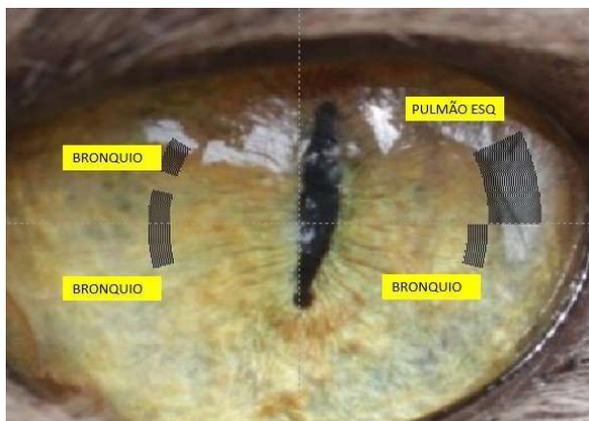


Figura 6 : Mapa Iridológico Sistema Respiratório do *Felis catus*, apontado pelo software. Fonte: arquivo pessoal.

A Figura n. 7, indica o mapa iridológico do sistema digestório apontado pelo Software que foi coincidente com o Mapa Iridológico veterinário de Batello e Costa (2019).

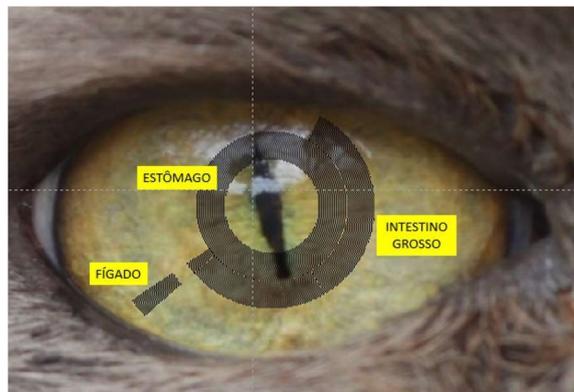


Figura 7: Mapa Iridológico Sistema Digestório do *Felis catus*, apontado pelo software. Fonte arquivo pessoal.

Na figura n. 8, encontramos o sistema nervoso central plotado pelo software e que também apresentou coincidência com o mapa iridológico veterinário de Battelo e Costa (2019).

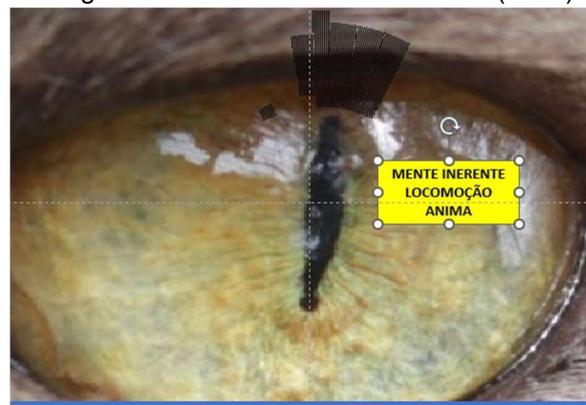


Figura 8: Mapa Iridológico Sistema Nervoso Central do *Felis catus* fornecido pelo software. Fonte: arquivo pessoal.

Na figura n. 9 observa-se o sistema genital fornecido pelo software que foi coincidente com o mapa iridológico de Batello e Costa (2019)

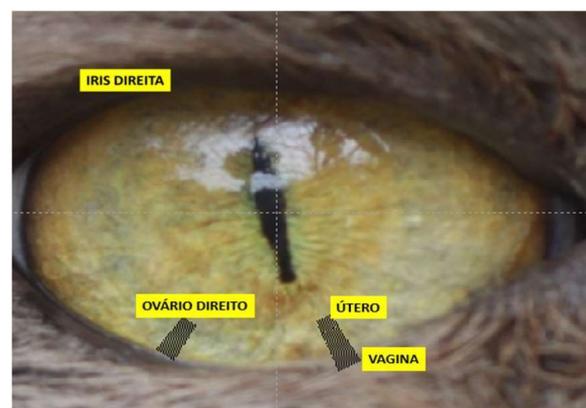


Figura 9: Mapa Iridológico Sistema Reprodutor do *Felis catus*, fornecido pelo software. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 10: Mapa Iridológico Estudo da Orla Pupilar Interna do *Felis catus*. Fonte: arquivo pessoal.

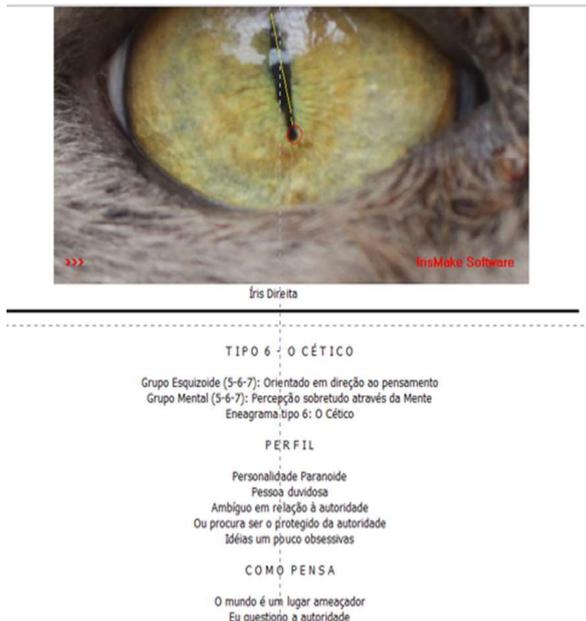


Figura 11: Mapa Iridológico. Eneagrama do *Felis catus*. Fonte: arquivo pessoal.

## Discussão

Vários métodos são descritos para a contenção de gatos. Em gatos mais temperamentais, por exemplo, existe a possibilidade de segurá-los pela pele que reveste a porção superior da região cervical, logo atrás das orelhas, impedindo-os de virar a cabeça e morder a pessoa que realiza a contenção. Outra manobra consiste em proceder a junção de ambos os pavilhões auriculares, com os dedos polegar e indicador de uma das mãos, deixando-os imóveis, em virtude da grande sensibilidade que essas estruturas apresentam quando são fortemente comprimidas (FEITOSA, 2014; FURTADO, 2020).

Todos os métodos reconhecidos pela literatura, embora eficazes, trouxeram um problema para a realização do exame iridológico que foi a dilatação da pupila. A opção pela

contenção do animal no colo do tutor resultou na melhor opção para a tomada das fotografias. Os felinos assim fotografados, embora permanecessem atentos, não apresentaram a indesejada midríase.

Atualmente, no mercado especializado encontra-se à disposição dos iridologistas uma série de equipamentos denominados genericamente por “iridoscópios”, que servem para a tomada da fotografia a ser analisada posteriormente com o auxílio de softwares. Basicamente são lentes que possuem iluminação própria e adaptam-se a máquinas fotográficas ou mesmo a telefones celulares.

Optou-se pelo uso da câmera e da lente citadas no tópico anterior, já que estavam à disposição, dispensando-se desse modo, a aquisição dos iridoscópios, os quais, por sua vez, possuem um custo relativamente elevado.

Com o método de contenção ajustado e o equipamento fotográfico adequado, procedemos com a tomada das posições frontal (ambos olhos) e individual.

As tomadas frontais mostraram-se satisfatórias e causaram menos estresse ao animal. A lente proporcionou uma imagem de ótima resolução. A edição da foto, na qual cada íris foi separada antes de ser adaptada ao software permitiu que a imagem fosse rotacionada sem perda da definição (Figura 2).

O software IrisMake utilizado nesse trabalho é uma ferramenta de análise de íris muito avançada que permite, no campo da Iridologia humana, uma série de avaliações que possibilitam suporte necessário para diagnósticos variados ao profissional. A imagem editada individualmente é então adaptada ao software permitindo que as ferramentas de análise sejam utilizadas (Figura 3).

Entre as avaliações que a ferramenta IrisMake possibilita, foram escolhidas aquelas necessárias para a confecção do Mapa Iridológico, quais sejam:

- Avaliação da Constituição Irídea;
- O Mapa iridológico;
- Avaliação da Orla Pupilar Interna;
- Avaliação do Eneagrama.

A íris expressa a constituição do indivíduo por meio das suas características morfológicas traduzidas em termos iridológicos como sendo a densidade, conforme descreve Batello em sua clássica publicação “Iridologia e Irisdiagnose: O Que os Olhos Podem Revelar (1999)”. Quanto mais elementos teciduais, afirma o autor, mais compacta se torna a íris. Reflete a capacidade do organismo em reagir a estímulos e manter sua homeostase.

Na iridodiagnose Humana, a constituição irídea é classificada de 1 a 5, sendo a primeira a melhor e a última a mais fraca. Macroscopicamente, a classificação 1 é caracterizada por uma íris de aspecto compacto, de tecido de seda. Essa compactação vai ficando mais rarefeita até atingir o grau 5, em que se apresenta macroscopicamente com aspecto de tecido de estopa. Batello (1999) relata que a maioria das pessoas se encontram em uma faixa situada entre 2, 5 e 3 pontos, sendo raras as que se situam na pontuação 1. Esse seria um privilégio, na opinião do autor, de animais selvagens de vida livre.

Em todos os animais analisados, encontramos uma constituição que se classifica entre 1 e 1, 5 (Figura 3), sugerindo que os animais examinados possuem uma boa capacidade de manter sua homeostase.

Entretanto, cabe mencionar que uma série de fatores externos - manejo incorreto, nutrição falha e negligência no manejo profilático vacinal, entre outras - podem contribuir negativamente na condição de saúde do animal, independentemente de sua predisposição à boa manutenção homeostática. Outras análises em felinos deverão ser realizadas para que, como na iridodiagnose humana, tenhamos a segurança em afirmar que nessa espécie a maioria dos indivíduos se situam em uma determinada faixa de densidade.

Mapas Iridológicos em formulários ou planilhas são muito antigos e remontam ao primeiro de todos, elaborado por Ignatz Von Peczely, considerado o primeiro a codificar os achados iridológicos no final do século 19. Desde então, inúmeros desenvolvimentos foram observados no campo da iridodiagnose e os mapas ficando cada vez mais complexos.

Com o desenvolvimento da tecnologia de fotografia digital, em que várias imagens podem ser obtidas e analisadas instantaneamente após sua tomada, surgiram os softwares que são cada vez mais empregados pelos iridologistas na atualidade. O que o software faz é plotar pontos na fotografia da íris e associar sua posição àquela dos órgãos obtidos pelos mapas iridológicos tradicionais.

Assim, cada ponto da fotografia está associado a um ponto de um determinado órgão ou sistema.

Neste trabalho, usamos como referência o Mapa Iridológico desenvolvido por Batello e Costa (2019) associando-o aos pontos indicados pelo software. Após considerar as naturais variações anatômicas foi possível estabelecer a associação dos pontos na fotografia e suas correspondências anatômicas do software e a coincidência na identificação dos órgãos com o mapa Iridológico de Batello foi altamente significativa, o que nos permite afirmar que a ferramenta IrisMake pode

ser, na espécie felina, utilizada na iridodiagnose.

Conforme demonstram as figuras 5, 6, 7 e 8, inúmeros órgãos e sistemas podem ser localizados e estudados com o uso do software. Esse método permite um exame mais detalhado, uma vez que, tirada a fotografia, não haverá o problema do animal apresentar aversão ao exame.

Ainda explorando os recursos diagnósticos do IrisMake, encontramos duas outras avaliações que, a princípio, encontrariam justificativa na realização no caso da iridodiagnose humana, mas que despertaram nossa curiosidade em aplicá-las nos felinos, a saber a avaliação da Orla Pupilar Interna (OPI) e a avaliação do Eneagrama.

O exame da OPI foi desenvolvido pelo psiquiatra italiano Silvano Sguario que associou esse tecido às diateses que são predisposições congênicas ou adquiridas.

A Figura 10, apresenta o resultado da análise da OPI de um dos animais examinados. A anamnese desse animal revelou que os tutores mudaram de residência alguns poucos dias antes do exame iridológico. Mas ele passou a conviver com outros felinos em seu novo habitat. Segundo os tutores, ele apresentou cansaço excessivo após a mudança e relutância em “se levantar” pelas manhãs, além de expor uma excessiva hiperatividade noturna. Esses achados foram demonstrados pela análise da OPI.

A concepção freudiana de que a maior parte da atividade mental é inconsciente e de que apenas uma pequena parte está envolvida nos processos conscientes é bem representada na metáfora do iceberg com modelo da mente. A íris revela o inconsciente por intermédio do eneagrama, pelo qual podemos conhecer as compulsões de uma pessoa. O Eneagrama é uma ferramenta com muitos séculos de idade. De fato, sua origem é confusa e muito mais remota que os inícios da psicologia.

A Figura 11 revela a avaliação do Eneagrama do mesmo felino, na qual podemos observar: perfil “duvidoso” e “o mundo é um lugar ameaçador”. Levando-se em consideração as devidas adaptações que a interpretação desses achados, o eneagrama foi desenvolvido com base em conceitos psicológicos humanos. Nesse contexto, é mister reconhecer que ele, felino, está em condição de “dúvida” em relação ao seu novo ambiente e que se sente ameaçado por esse “novo mundo”.

Segundo Schafer *et al.* (2020), existem em gatos domésticos algumas características ancestrais. Apesar de naturais e importantes para eles e seu bem-estar, são vistas como inadequadas pelo tutor. Além do mais, alguns problemas de comportamento ocorrem devido à não manifestação dessas características, caso contrário podem se tornar agressivos em locais

impróprios.

Novos modelos de cura em saúde humana surgiram na segunda metade do século XX, muito influenciados pelo movimento chamado contracultura, desencadeado nos EUA nos anos 60 e 70. Tais modelos divergiam fortemente dos conceitos tradicionais da medicina ocidental. A sociedade buscou em medicinas mais antigas como a Tradicional Medicina Chinesa e a Ayurvédica formas mais naturais de tratamento e obteve com elas outras abordagens diagnósticas, de modo que uma série de variáveis, como: sentimentos, comportamentos, atitudes frente a situações, relacionamentos com familiares, entre outras, passou a ser avaliada e associada aos problemas de saúde.

Nesse contexto, surge a Iridologia como um recurso diagnóstico não invasivo e muito amplo em suas aplicações. Entretanto, talvez por não ter sido conduzida de forma científica, enfrentou (e ainda enfrenta) uma barreira na aceitação, por parte dos profissionais de saúde e seus princípios.

Essa situação só poderá ser revertida com a aplicação de métodos científicos de estudo e formação técnica de profissionais.

Neste trabalho foi possível comprovar que o Mapa iridológico Veterinário proposto por Batello e Costa (2019) é plenamente aplicável ao sistema de plotes usado pelo software IrisMake fazendo dessa ferramenta uma considerável alternativa no campo da semiologia veterinária. Mais além, aspectos comportamentais dos animais, com as devidas adaptações, podem também ser analisados durante o exame iridológico pois, como sabemos, em Medicina Veterinária o fenótipo atua diretamente no genótipo e essa interpretação é sempre útil para o veterinário e também para o tutor.

Esse estudo iniciou uma série de outros estudos no campo da Iridologia animal. Outras espécies devem ser avaliadas, bem como os aspectos comportamentais de cada uma delas precisam ser considerados. Em suma, isso, demandará adaptações e ajustes na ferramenta de exame.

## **Conclusões**

Nas condições em que o estudo foi conduzido, podemos concluir que, a tomada de

fotografia não representou estresse aos animais estudados, o método de contenção adotado foi o que melhor apresentou resultados para a tomada das fotografias; a tomada frontal (ambos os olhos) forneceu material fotográfico de boa qualidade; os plotes dos vários órgãos e sistemas registrados no software apresentaram significativa correspondência com o Mapa Iridológico Veterinário proposto por Batello, o que permite a utilização da ferramenta na rotina da iridodiagnose em felinos; a análise comportamental que o software proporciona precisa ser mais avaliada e devidamente adaptada à psicologia animal; outras espécies animais podem passar por estudos semelhantes.

## **Agradecimentos**

Os autores gostariam de agradecer e dedicar este trabalho de conclusão de curso, principalmente ao Professor orientador MSc. Dr. Vet. Luis Fernando Fiori Castilho o qual foi muito importante, com seus conhecimentos e sua ajuda o que acrescentou muito na nossa escrita.

À Professora MSc. Vet. Gizele Monsueth Melo, coordenadora do curso de Medicina Veterinária do ICESP. A todos os colaboradores desta Instituição pelo apoio e incentivo para a execução deste trabalho.

Ao Professor Celso Batello que sempre atendeu nossas dúvidas e gentilmente doou a literatura sem a qual nossa compreensão ficaria muito prejudicada.

Às nossas fotógrafas Kika e Sulamita, a todos os integrantes do Grupo Iridologia Vet do Icesp, pela sempre e pronta disposição e ajuda.

À Dra. Selma Thamires, que desde o nosso primeiro encontro dispôs-se a nos ajudar com seus casos clínicos.

Aos nossos queridos gatos a quem Bastet e Francisco de Assis sempre acolhem em suas searas. E que nós, veterinários e tutores, possamos ser instrumentos nesse acolhimento.

Aos nossos queridos familiares e amigos, pela compreensão das nossas ausências e por serem redes de apoio nos momentos que mais precisamos.

## Referências:

- ABINPET. Mercado PET BRASIL 2022. 2022. Disponível em: [https://abinpet.org.br/wp-content/uploads/2022/11/abinpet\\_folder\\_dados\\_mercado\\_2022\\_draft4\\_web.pdf](https://abinpet.org.br/wp-content/uploads/2022/11/abinpet_folder_dados_mercado_2022_draft4_web.pdf). Acesso em: 01 maio 2023.
- BATELLO, Celso. **IRIDOLOGIA E IRISDIAGNOSE: O Que Os Olhos Podem Revelar**. 3 ed. São Paulo: Ground, 2009.
- BATELLO, C.; COSTA, C. **IRIDOLOGIA VETERINÁRIA: Vertebrados**. Santo André: Cartex, 2019. p. 214.
- BATELLO, C.; DIAS, M. **IRIDOLOGIA COMPARADA: Humana x Animal-Veterinária**. Caxias do Sul: Virtua, 2020. p. 160.
- BICALHO, A. P. C.V.; CARNEIRO, R. A.; CORRÊA, M. L. **Medicina de Felinos**. In: Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia-CRMVZ/MG, Belo Horizonte. nº 82, p. 19, 2016.
- BOTELHO, Thatiany Lídia Moura. **RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO (ESO): O PAPEL DO ESTRESSE NA MEDICINA FELINA: UM NOVO OLHAR SOBRE A SÍNDROME DE PANDORA**. Orientadora: Dra Daniela Maria Bastos de Souza. 2020. 79 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Medicina Veterinária, Recife, 2020.
- CARVAJAL. R. R. **Manual practico de iridologia canina e felina**. Testis presentada ante la División de Estudios Profesionales de la Facultad de Medicina Veterinaria y Zootecnia de la Universidad Nacional Autonoma de Mexico. 1987. 192 p.
- COSTA, V. T. **Iridologia**. 2007. Monografia (Especialização Latu sensu em Clínica Médica e Cirúrgica em Pequenos Animais) – Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro, 2007.
- FEITOSA, F. L. F. Contenção Física de Animais Domésticos. In: FEITOSA, F. L. F. **Semiologia Veterinária: A Arte do Diagnóstico**. 3 ed. São Paul: Roca, 2014. P. 29-45.
- FURTADO, G. D; SOBRAL, F. E. S. **CONTENÇÃO MECÂNICA DE ANIMAIS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. Eviromental Smomoke**, v. 3, n. 3, p. 37-47, 2020. Disponível em: <https://environmentalsmoke.com.br/index.php/EnvSmoke/article/view/101>. Acesso em: 5 maio 2023.
- SCHAFER, R. G. et al. Principais alterações comportamentais dos gatos. **Society and Development**, v. 10, n.8, p. 14, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17351>. Acesso em: 10 maio 2023.
- SOLLITTO, André. **Por que brasileiros têm preferido escolher gatos como companheiros do lar**. Veja, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/por-que-brasileiros-tem-preferido-escolher-gatos-como-companheiros-do-lar/>. Acesso em: 01 maio 2023.

VASCONCELOS, K. F. et al. CONTRIBUIÇÃO DA IRIDOLOGIA NO DIAGNÓSTICO DE MASTITE SUBCLÍNICA EM CAPRINOS (*Capra hircus*, Linnaeus, 1758). **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**. P. 163-168, 2013.

VASCONCELOS, K. F.; OLIVEIRA, N. M. C; BEZERRA, F. **EXAME IRIDOLÓGICO NA CLINICA MÉDICA VETERINÁRIA**. Orientador: Fabricio Bezerra de Sá. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Medicina Veterinária, Recife, 2009.